

Sara Reis da Silva e João Manuel Ribeiro (Orgs.). 2015.
*A Escrita para a Infância de João Pedro Mésseder ou
Como Trocar as Voltas ao Silêncio.*
Porto: Tropelias & Companhia. 172 pp.

João Pedro Mésseder, como se lê na nota introdutória ao livro que neste espaço divulgamos, sobressai no panorama da literatura portuguesa de finais do século XX e, à data do décimo quinto ano do novo milénio, “pela sua voz pessoal e pela rara e plural, sem deixar de ser coesa, expressão estética” (2015: 8), tendo já uma obra vasta e reconhecida quer pelos estudiosos da literatura quer pelos leitores, sobretudo os mais jovens. E, no que a estes últimos diz respeito, a marca, nos livros ilustrados do autor, de artistas plásticos conceituados, como Manuela Bacelar, Alex Gozblau, Inês Oliveira, Marta Madureira, Gémeo Luís, Madalena Matoso, Ana Biscaia, Daniel Silvestre da Silva ou Marta Madureira, revela e certifica a qualidade estético-literária de João Pedro Mésseder.

A Escrita para a Infância de João Pedro Mésseder ou Como Trocar as Voltas ao Silêncio estrutura-se em quatro pertinentes secções. A primeira, intitulada “Estudos”, congrega textos críticos sobre a obra de João Pedro Mésseder, assinados por Blanca-Ana Roig Rechou, da Universidade de Santiago de Compostela, Ana Margarida Ramos, professora na Universidade de Aveiro, Sara Reis da Silva, da Universidade do Minho, e João Manuel Ribeiro, da Universidade de Coimbra.

Muito embora não possamos deixar de situar o autor, com Blanca-Ana Roig Rechou (2015: 13), nos contextos sociopolíticos e culturais em cujo substrato os textos de João Pedro Mésseder se enraízam, é nos contornos formais e temáticos em que o livro que homenageia o escritor mais incide. Deste modo, Roig Rechou (2015: 13) lembra que “muitas das suas obras [...]

foram traduzidas, e mesmo reconhecidas noutros países” e como tal intertextualizam-se. O vasto conhecimento dos clássicos, e também a curiosidade que João Pedro Mésseder manifesta pela literatura contemporânea, “permite a planificação da educação literária” (Roig, 2013, citado em Silva & Ribeiro, 2015: 13). A este propósito, salientamos os jogos de erudição que João Pedro Mésseder, não raro, inscreve nos textos, independentemente dos potenciais leitores a quem se dirige, fazendo nascer desse jogo de leituras “un monde qui réconcilie sur le mode de l’énigme le passé et l’avenir, le rêve et la réalité, l’essai et la fiction, le moi et l’autre” (Samoyault, 2014: 64). Um saber que se transmite e que se transforma num outro texto, numa outra memória, pois “toute l’écriture est compte rendu de lecture, jeu avec des impossibles livresque, élocubrations dans la bibliothèque” (Samoyault, 2014: 65). Estamos, pois, em crer, que a educação literária – aquela que cria uma efetiva memória leitora no recetor do texto – será tão ou mais proveitosa quanto os livros forem capazes de jogar com essa Biblioteca, incitando a uma receção igualmente intertextual. É precisamente isso que os textos de João Pedro Mésseder oferecem: a possibilidade de “fazer da leitura uma espécie de jogo de descoberta e desafio do enigma que o texto propõe” (Roig Rechou, 2015: 18).

10

Para além de um apartado sobre o lugar de João Pedro Mésseder na literatura portuguesa para a infância e a juventude, de uma secção dedicada ao estudo da produção poética do autor, ou seja, dos vinte e cinco poemários que assinou com o nome literário, e de outra reservada à produção narrativa e à análise desta obra, Roig Rechou (2015: 36) propõe, a terminar o seu estudo, uma reflexão sobre as “doze chaves poéticas da produção literária de João Pedro Mésseder”. Em suma, se tivéssemos de resumir as doze chaves propostas, diríamos que em João Pedro Mésseder se celebra a palavra – a palavra que atua sobre a realidade, a palavra que diverte os mais novos, a palavra abrasiva, e até perfurante (numa produção dirigida a jovens e adultos) – e lembramos alguns títulos, como *A Cidade Incurável* (Caminho, 1999), *Fissura* (Caminho, 2000), *Abrasive* (Deriva, 2005), *Guias Sonoras* (Deriva, 2011) ou, ainda, produções, como *Alguns Negativos* (Plenilúnio, 2001), para só registar alguns entre outros tantos títulos que poderiam ser aqui referenciados. Na escrita de João Pedro Mésseder, conjuga-se, a par do que dissemos, a palavra que dança a cada conjugação fonemática e rítmica, a palavra que subverte os sentidos do sistema semiótico primário, que se torna, não raro, insólita e que provoca no leitor o espanto e o riso, ou, melhor dito, o espanto seguido do regozijo – como acontece nos textos dos livros mencionados.

De um ponto de vista mais formal, a sua escrita traduz-se no jogo inquietante das perguntas-respostas ou, antes, nas perguntas cujas respostas se aproximam do *nonsense*, ou do que poderia ser e nunca foi equacionado – diálogo incessante entre palavras – e este processo ocorre de forma mais explícita em muitos dos livros dirigidos a leitores mais novos, mas igualmente nos textos que o autor recusa classificar do ponto de vista genológico e filosófico, preferindo intitulá-los de “abrasivas”, “fissuras” e “guias sonoras”.

Ainda nesta secção, Ana Margarida Ramos chama a atenção para a obra ensaística de José António Gomes – o professor da Escola Superior de Educação do Porto, onde lecionou várias unidades curriculares e onde foi Professor Coordenador de Literatura. Pioneiro na proposta de definição de álbum ou *picture story book*, em Portugal, o autor aclarou aspetos materiais que devem ser tidos em conta neste género peculiar – em que texto e imagem dialogam – da literatura para a infância e a juventude. Importa, também, sublinhar que José António Gomes se preocupou em refletir sobre os diferentes graus a serem considerados na colaboração estabelecida entre os criadores de um álbum (Ramos, 2015: 51-52). Este contributo, muito embora seja já histórico, abriu, como sói acontecer na evolução do fenómeno literário, caminho para novas reflexões e propostas neste âmbito. Do ponto de vista da produção deste género, Ana Margarida Ramos centra-se naquele que foi o primeiro livro lançado por João Pedro Mésseder em colaboração com o ilustrador Gémeo Luís – *Palavra que Voa* (2005). Quanto a esta edição, também precursora, Ana Margarida Ramos, numa análise rápida, mas incisiva, fixa-se no percurso enigmático, do ponto de vista da receção, ou seja, nas informações indiciais que a combinação entre o texto verbal e o texto pictórico fornecem ao leitor e vão “revelando o mistério em torno da palavra oculta” (Ramos, 2015: 55) ao mesmo tempo metafórica e minimalista. A par desta singularidade, aproveitamos este espaço para lembrar que *Palavra que Voa* foi considerado por Sandra Lee Beckett, no livro *Crossover Fiction. Global and Historical Perspectives*, editado em 2009 pela Routledge, “a striking example of adult-to-child crossover poetry” (2009: 58) e acrescenta que “the minimal text and the small pictures leave a great deal of blank space, encouraging readers of all ages to fill it with their imagination” (Beckett 2009: 58).

João Manuel Ribeiro, incide, por sua vez, na “dinâmica dialógica entre estética e ética” (2015: 63), reforçando que é “labor em torno da palavra” (Ribeiro, 2015: 64) que constitui a matriz poética de João Pedro Mésseder e a forma de o autor estar no mundo, ou seja, entre a lucidez e o espanto,

permitindo-nos inverter a ordem imprimida por João Manuel Ribeiro no seu ensaio. Se abirmos *Uma Pequena Luz Vermelha* (2000) e atentarmos no primeiro poema, percebemos que a lucidez em João Pedro Mésseder não impede, muito pelo contrário, de destapar o véu da realidade e descobrir, com o espanto de uma criança, que há uma luz que cintila e que torna o futuro apetecível.

Por último, Sara Reis da Silva salienta a importância conferida por João Pedro Mésseder a textos (narrativos, líricos e dramáticos) do património tradicional oral europeu quer através da teorização sobre a importância da memória literária oral numa educação linguística e literária ao nível dos primeiros ciclos de estudo quer pela reescrita e reconto de vários desses textos que a nós chegaram por transmissão oral ou pelos registos escritos iniciados naquele conturbado século XIX, por espíritos nacionalistas e liberais, como os escritores e historiadores portugueses finiseculares (ou por nascimento ou por morte) Almeida Garrett (1799-1854), Alexandre Herculano (1810-1877), Teófilo Braga (1843-1924), Adolfo Coelho (1847-1919), Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), José Leite de Vasconcelos (1858-1941), entre outros. Sintomático deste interesse é, para além dos inúmeros livros que poderíamos invocar, como bem recorda Sara Reis da Silva, o título que José António Gomes escolheu para “a única revista portuguesa dedicada ao estudo e à divulgação da Literatura Infantil e Juvenil (LIJ), dirigida pelo estudioso em questão: *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude)*” (2015: 74). A panorâmica que consta do monográfico *Reescrituras do Conto Popular (2000-2009)*, publicada pela Xerais, em 2010, certifica este interesse e a importância que este património assume na escrita de João Pedro Mésseder. É, pois, do trabalho hipertextual que Sara Reis da Silva trata no seu estudo.

Em *A Escrita para a Infância de João Pedro Mésseder ou Como Trocar as Vóltas ao Silêncio*, encontramos ainda duas secções – “Escritas”, composta por testemunhos de vários nomes relevantes no panorama artístico e cultural português: a ilustradora e designer gráfica Ana Biscaia (1978) regista o trabalho de “ilustrar João Pedro Mésseder” (2015: 87-94); o escritor Francisco Duarte Mangas (1960), sob o título metafórico “Pastorícia simbólica”, dirige-se em tom de intimismo ao escritor e cria uma parábola em torno da vida e da obra, do homem e do escritor, ou, se quisermos, para não entrarmos em espaços conflituosos do edifício literário, ao que há de substrato contextual nos livros

do autor, em que, nas dobras do texto, se insinua um posicionamento partilhado face ao passado e ao presente. Por isso, a pergunta que abre e encerra este testemunho, ou antes, com que “passeamos no bosque”, pedindo de empréstimo a expressão de Umberto Eco, ou entramos “no prado inquietante e encantatório” (2015: 96): “E agora, João”.

Rita Tabora Duarte (1973) e Vergílio Alberto Vieira (1950) dedicam dois poemas inéditos ao escritor e José Oliveira, editor e amigo de João Pedro Mésseder, responsável desde 1982 até 2011 pelo catálogo de literatura infantil e juvenil da Caminho, agradece a José António Gomes ter sido apresentado a estudiosos da literatura bem como o importante trabalho de divulgação da literatura durante décadas, referindo-se, igualmente, ao prazer que teve ao ler a sua poesia. Para José Oliveira, só existe entre si e José António Gomes “uma irreconciliável divergência”: aquele “ama os cães, e o José António os gatos” (Oliveira, 2015: 103).

Na terceira secção do livro –“Na primeira pessoa” –, temos acesso a uma longa “entrevista a José António Gomes / João Pedro Mésseder”, realizada pelas professoras e investigadoras Ana Margarida Ramos, da Universidade de Aveiro, e Blanca-Ana Roig Rechou, da Universidade de Santiago de Compostela. O novelo da vida e da obra do autor é desfiado, mas parece-nos que a ponta continua sem ser encontrada – e assim deve ser.

Por fim, os leitores e possíveis leitores da obra de João Pedro Mésseder encontram no fim deste livro, na secção “Ficha Bibliográfica”, uma relação das obras do escritor, assinadas com o nome literário, e organizada de acordo com o possível público a quem se dirigem as edições, bem como uma lista de antologias por si organizadas e de obras coletivas onde se encontra representado. Para além deste índice, são referidas as obras que obtiveram distinções e menções especiais, os títulos dos livros para uma educação linguística e literária que se encontram nas Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico e no Plano Nacional de Leitura (PNL), os volumes traduzidos e/ou publicados no estrangeiro, nomeadamente em Espanha.

Não gostaríamos, nem poderíamos, ainda que o espaço seja exíguo, deixar de refletir sobre uma das matrizes que, no nosso entender, marcam, também, e de forma significativa, pela sua força (também) sonora, a poética deste escritor – referimo-nos à brevidade que amplifica os sentidos ocultos dos textos

quer do lado da produção quer do lado da receção. Regressemos, pois, à ideia inscrita no final do quinto parágrafo desta recensão, intencionalmente não explorada – a da *brevitas*, magma poético na obra de João Pedro Mésseder.

A brevidade caracteriza-se, do ponto de vista da relação forma / conteúdo pela densidade e concisão ligadas ao requisito de perceptibilidade. Trata-se, por conseguinte, de uma forma que, sendo breve, é suportada, do ponto de vista da produção por uma visão reveladora, não impossibilitando, contudo, uma receção relativista, isto é, as formas breves construídas por João Pedro Mésseder – sejam aforismos, género hodiernamente utilizado sinonimicamente para significar outras formas breves vizinhas, como pensamentos, máximas, adágios, ou abrasivas, como o autor prefere designar num dos seus livros –, não pretendem inscrever verdades inatingíveis, como sucedia com as máximas clássicas, mas, antes, questionar o mundo por forma a compreendê-lo, através da fixação textual de verdades possíveis ou observadas.

Por via da intertextualidade ou de forma original, mas sempre com um *labor limae*, João Pedro Mésseder reflete, em prosa narrativa – em que se observa também o supremo princípio estético da *brevitas* – ou em estruturas versificadas, sobre as pequenas-grandes coisas da vida, fissurando o olhar limitado de quem olha e não repara, jogando com a ludicidade do signo linguístico, como ocorre na primeira “guia sonora”: “No princípio, era o verbo; no final, o verme” (2010: 7).

Numa escrita breve, João Pedro Mésseder amplifica os temas que constituem pontos de fusão dos seus textos – a liberdade, a vida e a morte, a corrosão do tempo sobre os costumes, a fragilidade e a monstruosidade humanas, mas também a infância, a beleza e a suavidade de “palavras brilhantes e côncavas / que guardam o perfume do vinho / e o lume das noites sem dor” (2006: 77). Diríamos que a obra de João Pedro Mésseder infunde sensibilidade, imaginação, responsabilidade ética, cívica e ideológica, chegando quase – porque não acabada – a ser um “breviário” estruturante da existência humana ou, recorrendo a mais um título do autor, “alguns negativos” (2001) à espera de serem revelados na câmara escura que é a leitura do texto literário.

Ana Cristina Vasconcelos

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico
do Porto (Portugal)

Bibliografía

- Beckett, Sandra Lee. 2009. *Crossover Fiction. Global and Historical Perspectives*. Nova Torque: Routledge.
- Eco, Umberto. 1995. *Seis Passeios no Bosque da Ficção*. Lisboa: DIFEL.
- Mésseder, João Pedro. 2001. *Alguns Negativos*. Porto: Edições Plenilúneo.
- 2006. *Elucidário de Youkali seguido de Ordem Alfabética*. Lisboa: Caminho.
- 2010. *Guias Sonoras*. Porto: Deriva.
- Samoyault, Tiphaine. 2014. *L'Intertextualité. Memoire de la Littérature*. Paris: Armand Colin.
- Silva, Sara Reis; Ribeiro, João Manuel (Orgs.). 2015. *A Escrita para a Infância de João Pedro Mésseder ou Como Trocar as Voltas ao Silêncio*. Porto: Tropelias & Companhia.